

## O SEXO E A CIDADE: notas sobre as sexualidades e a vivência no swing

Edson Peixoto Vasconcellos\*

### Resumo

O presente artigo pretende discutir a relação entre o sexo e a cidade. Para fazer isso dois pontos serão trabalhados: quais são as relações entre a cidade, a formação de subjetividades e o sexo? Como a cidade proporciona um ambiente ideal para a manifestação de práticas sexuais não usuais; a segunda questão é como, enquanto prática não usual, o swing, está configurado no interior das cidades.

**Palavras-chave:** Sociologia. Sociologia Urbana. Sexualidades. Swing.

### Abstract

This article will discuss the relationship between sex and the city. To do this two points will be worked out: what are the relationships between the city, the formation of subjectivities and sex? How the city provides an ideal environment for the manifestation of unusual sexual practices; the second issue is how, while unusual, practice swing, is set within the cities.

**Keywords:** Sociology. Urban Sociology. Sexualities. Swing.

Problematizar a relação que existe entre o sexo e a rua é acompanhar a aproximação entre duas instâncias que não estariam ligadas a priori. Não há necessariamente conexões desses dois pontos como categorias ligadas de maneira instintiva. Na sociologia urbana, o sexo está implicado no conjunto de interações na qual a cidade dialoga a partir dos seus processos de construção das subjetividades. Se o sexo é uma categoria onde aspectos históricos, psíquicos e sociológicos se envolvem na problematização discursiva, nada melhor do que pensar o seu envolvimento na formação de territórios dedicados ao encontro e à manifestação de práticas sexuais eróticas. Lugares onde os fetiches sexuais podem se manifestar; onde as práticas consideradas “dissidentes”, por fugirem das normas socialmente colocadas, podem se liberar provisoriamente dos entraves moralizantes e sociais.

O ponto principal desta reflexão é pensar o caráter pluralizante do ambiente urbano e como isso se configura em territórios de estímulo e manifestação de práticas eróticas. A rua enquanto manifestação coletiva e social já vem marcada como espaço democrático de socialização há muito tempo. O Maio de 68, por exemplo, denota um momento importante para esse tipo de atitude com relação à cidade contemporânea. Naquele momento, as ideias vão tomar as ruas de Paris, fazendo delas cenário para a manifestação dos desejos. A

---

\* Mestre e Doutorando em Sociologia pela UFPB. Professor efetivo da UEPB. E-mail: edsonpxt@yahoo.com.br.

reivindicação não é a mesma, nem a forma como isso será conduzido. O amor livre, as reivindicações feministas, os direitos homossexuais, as greves; tudo reunido em um projeto que foge das manifestações tradicionais que têm a cidade como ponto de ebulição (VENTURA, 1988).

Sendo assim, o Maio de 68 marca um momento importante onde impera a transformação dos comportamentos, caracterizada por acontecer também nas ruas. Essas atitudes vão ter um lugar especial no ambiente diverso e impessoal que muitas vezes é encontrado nas cidades do mundo todo. O swing não deixa de fazer parte dessas mudanças enquanto prática erótica exercida em lugares reservados e privativos, como em festas particulares ou em estabelecimentos comerciais dedicados ao tema.

### **Questões iniciais**

Este artigo pretende refletir sobre o lugar do sexo na cidade para, a partir desse ponto, configurar, de maneira apropriada, os pontos que constroem a relação que existe hoje entre a cidade e práticas como a do swing. Para isso, alguns questionamentos são necessários: como o swing enquanto uma prática erótica se configura em algo próprio do ambiente urbano? Como as cidades são territórios para a manifestação de atitudes relacionadas ao sexo e consideradas “liberais”? Em que sentido questões como a impessoalidade, as dimensões territoriais e o enfraquecimento de noções como a de comunidade, ponto chave para uma crítica sobre as cidades e o crescimento urbano nas grandes metrópoles, vão fazer com que submerjam individualidades múltiplas<sup>1</sup>?

Nesse sentido, este texto visa contribuir com a reflexão feita junto aos estudos sobre as sexualidades do ponto de vista de como a cidade se constitui enquanto local apropriado para a manifestação de determinados tipos de subjetividades, entre outras, como o casal ou o sujeito praticante do swing. De que formas ela se torna promotora na criação de possibilidades múltiplas de agenciamentos, no caminho onde se organiza um conjunto diversificado de questões, onde o ambiente citadino se coloca como pano de fundo.

Para tanto, propor a problematização de alguns tópicos que estão ligados a relação entre os dois pontos propostos de início: a cidade e o sexo. Entre eles, como há um vínculo entre sexo e lugares reservados ao seu encontro na cidade? Isso realmente existe e de que maneira pode ser encontrado? Um dos primeiros lugares a serem analisados é a casa. Lugar

---

<sup>1</sup> Sobre o tema, ver BERTOLUCCI, 2003.

higiênico, recomendado pela privacidade e para a organização da família nuclear. É nesse lugar que se perceberá as primeiras iniciativas no sentido de capturar a sexualidade, regulando os seus gestos. A organização, estímulo e controle desse lugar vai ser motivo de longas discussões; principalmente quando o assunto é família, normatização e organização do espaço urbano moderno.

Num segundo momento se vislumbra a cidade como ambiente de interação com a sexualidade. O caso dos praticantes de swing e de que maneiras o ambiente citadino se coloca no encontro dessas pessoas, sejam em casas, clubes, ou mesmo em festas privadas. Ou seja, como os sujeitos podem moldar as cidades através de intervenções, criando cenários para práticas não usuais de sexo, interagindo e dialogando com ferramentas de relacionamento social como atualmente a internet tem se colocado. Local de diálogo que é discutido hoje como território de suposta segurança e higiene.

### **A casa e o lugar do sexo na família**

A casa e o sexo são dois lados de uma mesma moeda que passará por um processo de institucionalização. Através de um saber médico social será construído um conjunto de referências que mostrarão de que maneira se vive no ambiente urbano e de como se viver da maneira mais adequada<sup>2</sup>. Regulamentação e institucionalização serão dois modelos que farão parte de um plano maior para a afirmação não só dos médicos, mas do saber articulado a eles como figura de proa nos cuidados das populações. O perfil do médico higienista como modelo social será percebido como algo nascente no início do século XX no Brasil. Profissional que vai estar à frente das reformas urbanas empreendidas no âmbito das cidades. É do médico que irá emanar os aconselhamentos, os exames e as reformas administrativas que uma cidade precisará para se manter livre de doenças que viessem a comprometer a vida de seus cidadãos.

O médico familiar promove os conselhos de como manter a casa saudável. Para o cuidado dos filhos: de *como* os pais devem fazer com que não venham a contrair doenças, e que sejam “dóceis” ao longo do seu crescimento. Seus jeitos, comportamentos e práticas de higiene. Iniciativas contra a masturbação dos filhos encontrará espaço nesse discurso. Onde mais haveria de o discurso médico encontrar maior eficácia para combater o onanista senão

---

<sup>2</sup>A inserção da medicina social no início do século XX no Brasil será vista nos tratados de puericultura, na institucionalização cada vez maior da medicina, de um processo de medicalização da vida e da sociedade, além da presença da figura do médico nos movimentos de reforma urbana que as cidades brasileiras, principalmente as capitais, irão passar nesse período (VASCONCELOS, 2008).

em sua própria casa, em seu próprio leito? Será preciso um cuidado redobrado. Vigiar e tornar a prática cada vez mais difícil faz parte do ritual diário das casas que mantinham filhos masturbadores<sup>3</sup>; para o cuidado dos pais: que os cônjuges vigiem o matrimônio. Ou seja, *como* fazer do casamento a instituição nuclear de formação da família constituída como a conhecemos.

A reforma das casas e a sua padronização foi também outra modificação sensível na paisagem urbana das cidades brasileiras nas últimas décadas. O que perpassa essa ideia é a noção de como a vida humana pode ser fator de riqueza. Nesse sentido, para habitar de forma adequada, a disposição dos cômodos deveria ser alterada. Havia uma variação muito grande de temperatura entre os lugares e uma precária ligação de corredores entre os compartimentos de trabalho e de repouso. A chamada alcova era um fator de preocupação constante (COSTA, 2004). As habitações confrontavam as primeiras reformas urbanas colocadas em pauta. Elas também necessitavam de uma intervenção direta em todos os aspectos, incluindo a moradia e a forma de habitar da população.

O desenvolvimento das cidades estará ligado a um maior controle dos corpos. Desenvolvimento da demografia e da regulação das populações. Segundo Richard Sennett, o crescimento populacional que acontecerá, sobretudo, ao longo dos séculos XIX e XX ocorrerá não nas cidades industrializadas, mas de maneira preponderante nas capitais (SENNETT, 1988, p.167). O trinômio demografia-controle-população se tornará fundamental para a administração das cidades e do corpo populacional. Taxas de óbito, nascimentos, controle de epidemias e da imigração serão pontos a serem vistos com um maior cuidado. A cidade e a sua população se tornam matéria de verificação constante e de regulação.

É praticamente certo que tanto em Paris quanto em Londres a proporção entre nascimentos e óbitos, durante o século, tornara-se mais favorável aos primeiros. Aperfeiçoamentos na medicina e na saúde pública removeram a constante ameaça de pestes – o grande flagelo das populações urbanas –, de modo que mais crianças nascidas em famílias citadinas viveram o bastante para começarem famílias próprias (SENNETT, 1988, p. 169).

As investidas no sentido de capturar o corpo e regulá-lo no interior da casa se objetivam em torná-lo compreensível, composto, concreto, “racional”, palpável, apreensível. Seus movimentos deveriam ser ritmados pelas articulações, buracos, sinais nervosos, circulações venosas. Seus desvios enfatizados. Seus fluxos, movimentos circulatórios, enaltecidos. Estimular assim as práticas, a fala discursiva dos agentes sociais. O conhecimento

---

<sup>3</sup> Temos isso notadamente em FOUCAULT, 2001 e COSTA, 2004.

dos corpos que se articularia a discursividade sobre o mesmo.

Em um mesmo plano, manifestação das várias verdades sobre o sexo. De um lado, o cidadão que, ao contrário do que se imagina, nesse contexto, está sendo, a todo o momento, estimulado a se pronunciar sobre sexo e sobre o seu sexo em específico. De outro, um conjunto de técnicas que operam no sentido, não só de fomentar essas falas, mas de produzir nelas efeitos desejados. Modular essas falas, portanto. Fazê-las falar mediante um campo apropriado de circulação. No caso, o campo das saberes médicos sociais. Faça sexo, mas diga com quem fazes, como fazes, com que intensidade e condições? Seu corpo está propício a uma boa prática sexual? Está usando os aditivos recomendados? Não vamos matar este corpo, diz o saber especializado. Vamos estimulá-lo e orientá-lo a uma prática que se considerada “correta” ou “normal” (FOUCAULT, 1998).

### **A rua, a noite e o sexo**

Para pensar esses três pontos é preciso discutir como as análises sociais dos últimos tempos viram o processo de mudança urbana pelo qual o Brasil passou nos últimos tempos, com atenção especial para as grandes cidades. Segundo Gilberto Freyre, o século XIX foi um momento chave para entender a realidade do país, sobretudo, da região Nordeste no século XX. Desde o século XVIII, sensíveis mudanças começam a acontecer nessa sociedade. Uma sociedade que vive no microcosmo da Casa-Grande, do engenho. O século XIX marcaria a transição, o ponto de transformação, de deslocamento deste discurso. Da sociedade de tipo tradicional para outro tipo. Para uma sociedade movida pelas máquinas, pelo tempo do relógio, das chaminés das fábricas, pelo ritmo urbano. E isso não acontece abruptamente: há um confronto intenso que ocorre a partir de binômios diversos que estão em transformação permanente. O campo e a cidade, a casa e a rua, a praça e a rua, o que era tradicional e o que começava a aparecer na cidade. No fim, a derrota do campo pela cidade, a vitória da rua e das modas urbanas (FREYRE, 1981).

Em *Sobrados e Mocambos*, Freyre esboça as questões ligadas a estes deslocamentos. Elas representam uma história triste, de saudade do passado. A chegada desses “tempos modernos” seria o fim daquilo que ele chamou de “tradicionalismo”. No entanto, não há em Freyre uma análise mais apurada que lance olhos sobre que técnicas são essas e como suas ações irão modificar o cotidiano e, principalmente, as consciências da sociedade que até então se apresenta como o alvo dessas mudanças. Sua história, sua interpretação pode ser decifrada pelo signo da resistência dos modos de fazer, das técnicas coloniais e portuguesas, das formas

de viver que predominaram até o século XVIII. Trata-se de uma posição específica, que marca lugar contra um discurso de novo tipo, que tenta tomar conta da paisagem do Norte do Brasil (ALBUQUERQUE JR, 2001):

Época de gente boa, de respeito dos filhos aos pais, de homens direitos e fortes que chegavam a “grandes idades”, de donas de casa diligentes, de doces gostosos e lombos de vitela que vinham à mesa rechinando na frigideira – só os dias da finada sua avó. O século XVIII. O Brasil sem carros de cavalo correndo pelas ruas, sem modistas francesas, sem doutores formados na França e na Alemanha, sem óperas italianas cantadas nos teatros, sem os moços tomando os lugares dos velhos (FREYRE, 1981, p. 23).

Outro autor que observa essa transformação é Luiz Felipe de Alencastro. Ele diz que foi no século XIX, especificamente, durante o período imperial, que muitas mudanças foram empreendidas. Em contrapartida ao que faz Freyre, Alencastro, de forma breve, tenta fazer um tipo de radiografia dessas modificações. A influência das modas europeias, as leis, as roupas, o gosto pelas óperas, os produtos de embelezamento, os hábitos, os gostos. Ele esboça aquilo que na obra de Freyre é visto de longe e nisso acrescenta muitas informações sobre o momento. Analisa a condição das cidades e a criação de uma infraestrutura urbana (ALENCASTRO, 1997). As mudanças no cenário urbano brasileiro revelam como era trafegar nas cidades. Os perigos da escuridão, em como era difícil circular, principalmente à noite e a carência de um sistema de esgotos.

A relação que Freyre estabelece entre “esses tempos” e os “nossos tempos”, coloca a distinção entre um conjunto de pontos próprios do momento em que a Sociologia contemporânea problematiza as cidades na atualidade. Os pontos que continuam em pauta entre a casa e a rua, o público e o privado, são questões que permanecem como temas do presente. Em um país onde esses marcadores são frágeis, explicações sociológicas como essas continuam válidas e ativas.

Para Da Matta, noções como as de tempo e espaço são caras à sociologia urbana. Ele denota os significados a um conjunto importante de pontos que estão relacionados ao cotidiano dos que vivem nas cidades. Invenção dos habitantes da cidade, que criam as condições necessárias para a superação, modificação e até a “dobra” do tempo e do espaço.

Não há dúvidas de que é isso que inventa o tempo e o espaço como categorias sociológicas e não mais como conceitos filosóficos dotados de conteúdo homogêneo e único. No caso do

tempo, o contraste mais abrangente talvez seja o que pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade. Estas situações se definem pelo que usualmente chamamos de festas, cerimoniais, rituais, solenidades (DA MATTA, 1997, p. 37).

A forma como a sociedade interage com essas noções cria a perspectiva para a articulação com os processos sociais inseridos nas rotinas urbanas, que devem ser vistos de um ponto de vista problematizante, levando em conta a sua discursividade histórica e sociológica, pois a maneira de se relacionar com o tempo e o espaço são bem diferentes nos últimos tempos. É só acompanhar os autores listados até aqui para concluir isso. Aquilo que faz parte do privado e do público; as tarefas da casa e do trabalho, entre outros pontos, são alguns dos aspectos que podem ser ressaltados como fazendo parte desses marcadores que estão na cidade, na casa e na rua, ao mesmo tempo em que atravessam as subjetividades. Segundo Da Matta:

O mundo diário pode marcar a mulher como o centro de todas as rotinas familiares, mas os ritos políticos do poder ressaltam apenas os homens; a vida diária centra a vida da casa nos adultos, mas num cerimonial como o do Natal as crianças adquirem uma importância extraordinária; as regras normais de denominação e trabalho se certificam da manutenção da hierarquia e das fronteiras rígidas entre as pessoas que representam essas posições no desenrolar da vida comum, mas no entrudo e no carnaval essas posições podem perfeitamente se inverter. Além disso, tudo pode mudar de figura se o foco do ritual é uma pessoa altamente individualizada - conforme acontece em festas de aniversário e ritos funerários - ou uma relação, como ocorre nos casamentos e batizados (Idem, p. 39).

Mas, se o foco são os rituais, e os rituais vistos de uma maneira estratégica em termos de convivência social e de comportamentos que poderiam ser chamados de socializáveis, como pode se visualizar essas marcas em situações como em uma casa de swing? As posições de homens e mulheres se confirmam, ou há deslocamentos e quais seriam eles?

### **Os swingers, as festas e a cidade**

Swing é considerado como uma prática de relações sexuais entre casais, onde há a troca de parceiros (as) e o contato com experiências relativas a esse contexto. Com “outras experiências” se quer dizer todo o tipo de atividade da sexualidade que pode ser conferida

levando em conta os parâmetros estabelecidos internamente pelo casal; desde a troca de parceiros, a relação entre pessoas do mesmo sexo, a relação com mais de um homem, ou, com mais de uma mulher.

O primeiro ponto a ser levado em conta se coloca sob a condição do swing: enquanto prática erótica ela é, fundamentalmente, uma manifestação que se localiza nas cidades. Isso porque, é na cidade que determinadas práticas sexuais consideradas não usuais, podem tomar vulto e se manifestar. Entre outros fatores, os centros urbanos são o espaço de criação, fomento e manifestação das sexualidades das mais diversas cores. Isso conta, pois é na cidade que aspectos já bem conhecidos como a impessoalidade, o estreitamento e ênfase da individualidade em contrapartida ao comunitarismo são vistos. É comum, portanto, verificar como o tecido urbano assimila as sexualidades. Moldando e sendo moldado por elas.

No swing, locais próprios são estabelecidos para a prática geralmente nas cercanias das cidades. Os chamados “clubes”, ou “casas” de swing se instalam em residências, chácaras e espaços amplos construídos para tal intento ou muitas vezes readequados para que funcionem enquanto locais de festa. Particularmente é curioso perceber como os lugares que passam por essa readequação – residências na sua maioria – são também resignificados ao se tornarem casas “liberais”. Nesse sentido, novas configurações de modelo urbano caracterizado a ser um espaço habitado pelas famílias, para, após as “adequações”, se tornar “território liberal”. Isso pode ser visto não só para as casa de swing, mas quando se instalam saunas, boates, entre outros equipamentos urbanos em determinados locais de convivência.

Os lugares para o estabelecimento das casas de swing são escolhidos para agregar um público que deseja ir a uma festa na qual seja levado em conta o sigilo, por isso também o funcionamento longe dos centros, além de um lugar que esteja distante das suas próprias casas e vizinhanças. Podendo assim os interessados acessar as casas sem ter preocupações com o encontro com pessoas que possam revelar a sua condição de swinger.

A atitude dessas pessoas está articulada à forma de perceber a sua relação consigo, a sua postura no interior da díade e o lugar em que a relação conjugal se coloca em articulação com os comportamentos, a família, o trabalho, entre outros aspectos. Para pensar esses pontos a noção de intimidade se destaca nos últimos tempos. Isso vem a calhar, sobretudo por conta da relação que se estabelece entre as noções de conjugalidade e intimidade (GIDDENS, 1996). A importância desse duplo é colocada na medida em que uma se aproxima e se distancia da outra. É um movimento de enamoramento: enquanto a conjugalidade se modifica, pode-se perceber um levantamento das possibilidades a respeito da ideia de intimidade.

Para Sennett, a relação de privacidade nas cidades vai de encontro entre o que é público e o

que é privado. Na aproximação entre o cidadão que consome, existe uma intriga que junta privacidade, segredo e interação. Segundo Sennett:

Em “público”, a pessoa observava, expressava-se, em termos daquilo que ela queria comprar, pensar, aprovar, não como resultado de uma interação contínua, mas após um período de atenção passiva, silenciosa, concentrada. Por contraste, o “privado” significava um mundo onde a pessoa poderia se expressar diretamente, assim como seria tocada por outra pessoa; o privado significava um mundo onde reinava a interação, mas que precisava ser secreto (SENNETT, 1988, p. 187).

O público e privado definem os desejos. O mundo dos afetos, da palavra, do verbo, fica reservado ao segredo e à interação. No público, a interação se perfaz através do consumo, manifesto através de escolhas “secretas”, por sob o silêncio do sujeito consumidor. No swing, o consumo é feito por sob a fronteira do segredo. A manifestação livre dos afetos é feita no encontro estabelecido em locais específicos para isso. Casas, clubes, “festas liberais” invocam e devem estimular os desejos de todos que estão envolvidos na prática. Mas ainda incide o segredo. Todos estão em um lugar planejado para estimular o segredo e a privacidade. Estimular também os sentidos e a performance corporal de quem está inserido.

Os ambientes para a prática do swing, com suas luzes baixas, música em um volume alto e bebidas alcoólicas proporcionam para o participante um nível de interação que faz com que ele possa fazer o diálogo entre a sua presença naquela situação e a estratégia de utilizar-se de maneira privativa do lugar e das circunstâncias para manifestar seus desejos. No fim, acaba sendo um conjunto de tensões entre o privativo e o público: a rua e a casa; o claro e o escuro; o silêncio e a fala; o toque dos corpos e o olhar. Esse conjunto de binômios cria as tensões necessárias para uma possível relação de descentramento dos sujeitos que partilham dessas experiências.

Ao se conviver em rotinas que preservam o tempo e as interações relativas a ele de uma maneira “diferente”, em contrapartida que nas festas swingers o tempo pode ser acelerado ou vivido como tal. Por que tal experiência é possível? A explicação talvez seja porque na casa ou na rua somos cortados por atividades específicas. Temos as nossas rotinas ordenadas por um conjunto hierárquico de atitudes e controles reguláveis socialmente. Por outro lado, a festa no swing dialoga com o deslocamento das atividades desses espaços específicos. Nesse caso, a atitude tida nos clubes e casas de swing estaria relacionada a uma modificação na forma de se apropriar do tempo e do espaço e como revirar a relação entre a casa e a rua, o público e o

privado através da festa.

A prática do swing, como já foi visto, pressupõe a existência de um casal relativamente estável disposto a entrar num circuito ampliado de trocas afetivo-sexuais. Neste sentido, torna-se necessário compreender aspectos da conjugalidade e da sexualidade. Nas palavras de Maria Luiza Heilborn conjugalidade seria como um “estilo de vida”, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano. O elemento de troca, porém sem colocar a não-demarcação dos papéis (HEILBORN, 2004, p. 11).

Para Barthes (2003), a relação conjugal seria como um sistema prático-afetivo de contratos ligados entre si. A relação conjugal vista como um sistema, como algo bem estruturado. Esquema onde podem ser enquadradas as atividades e ações comuns entre os cônjuges. Ordenação e enquadramento para o casamento. A reação do casal ou do indivíduo envolvido em uma díade sobre temas comumente considerados como de cunho privado, como a moralidade sexual, fica reservado a uma opinião criteriosa e que, no fim, não venha a ferir os princípios gerais considerados “normais”, principalmente de onde esses questionamentos são gerados. A distinção do que é reservado à rua ou à casa posicionam o “como” as opiniões podem ser colocadas. Em público, o marido pode ter uma opinião sobre o tema sexo por exemplo. Mas em casa, porém, provavelmente o seu comportamento seria marcado por um posicionamento mais conservador, sobretudo se for um homem casado e falando sobre sexo diante de sua família.

## **Conclusões**

O ambiente urbano marca, no século XX, principalmente a partir da segunda metade, a afirmação do nomadismo, da diferença e do contraditório nos movimentos que têm como ponto fundamental a afirmação dos comportamentos. As sexualidades partilham desse interesse sobre as cidades. O ambiente urbano será marcado por se tornar um território modulado por aquilo que é considerado diferente, por sexualidades não usuais, pela manifestação nas ruas de todo o tipo de opinião e de credo. Apesar disso, vamos acompanhar nos últimos tempos o encastelamento de um conjunto de grupos sociais.

A guetificação de muitos grupos marca uma circunstância reveladora do ponto de vista sociológico. Principalmente se pensar que o movimento oposto talvez seja o esvaziamento, nos últimos anos, não só de movimentos de reivindicação por melhorias através de protestos

públicos nas ruas das grandes cidades, mas da própria vivência afetiva das ruas, e da perda de noções como o comunitarismo e a convivência com a vizinhança. Isso também fica relegado a grupos que praticam swing. Cabe salientar que não há um objetivo de se utilizar o swing para reivindicações políticas de maneira clássica como se conhece, mesmo que se possa avaliar até que ponto a atitude diante de uma prática como o swing possa ser pensado enquanto um movimento ético de vida e político, no sentido de ser algo que se coloca como um modelo de vivência subjetiva, conjugal e comunitário.

Não será possível se debruçar sobre estes temas aqui, mas o que fica é a possibilidade de pensar como a postura acerca de atitudes sobre o sexo não usual possa ser imaginada a partir de dois caminhos: as questões sobre modos de vida e as relações sobre as subjetividades e as conjugalidades contemporâneas; o outro caminho seria avaliar a postura sobre o swing de um ponto de vista localizado. Pontual, no sentido de ser algo específico das circunstâncias sociais nas quais os sujeitos estão inseridos. Questionar essas interações a partir da performance dos sujeitos. Discutir as possibilidades de pensar a relação das subjetividades com o sexo partindo de posicionamentos emergentes e pontuais.

A cidade, e especialmente as ruas, vão ser esvaziadas também por serem vistas como local de perigo, de suspeita. A rua marca um local de passagem rápida e temporária, travessia e território de deslocamento. Nos muros das novas modas das casas construídas em condomínios privativos, o encapsulamento das subjetividades acontece. A rua deixa de ser o único local de fomento dos desejos e entra em cena a relação com o computador e a internet como a manifestação das subjetividades líquidas e dos desejos. Os contatos sobre o sexo refletem essa articulação e as casas de swing servem como o ponto final na relação de aproximação entre os sujeitos. O conforto do perfil privado nas redes sociais é hoje o primeiro contato para os que praticam o swing, mesmo que em suas cidades já existam estabelecimentos fixos para isso. A explicação se localiza no fato de que há a preservação do sigilo de identidade dos envolvidos, o que faz com que muitos hoje usem este expediente como o contato inicial.

Esse caminho cibernético é perscrutado pelo sigilo, segredo e segurança que aparecem como a manifestação fora do ambiente doméstico. Ao invés da clausura, o clima fechado é visto como questão fundamental de sobrevivência no ambiente urbano contemporâneo. Isso não gera negatividade, desde que existam ambientes internos propícios à manifestação das

subjetividades. Entre eles a internet. O sintoma em se observar os ambientes urbanos mais voltados para o seu interior também se reflete em como os casais vivem o swing nas grandes cidades. Principalmente, como a interiorização se processa enquanto instância dialógica das subjetividades dos sujeitos swingers. Toda a vivência, passando pelo contato entre os casais, até os encontros estabelecidos, seja em locais públicos, seja nas casas ou festas especializadas, são regidos pela interiorização. Não só utilizar os lugares das festas como forma de liberar as suas fantasias, mas também a manifestação da interiorização a partir da festa, que reafirma o segredo entre todos que partilham dela.

Nesse caso, o processo de interiorização não ficaria relacionado só à vivência das cidades (o que se denominou, provisoriamente, como guetificação), mas também nas questões mais específicas, como os comportamentos e as sociabilidades. Sendo assim, discussões sobre o público e o privado, a casa e a rua, continuam sendo importantes, pois são nesses âmbitos que a regulação permanece sendo feita. Apesar disso, é importante acompanhar também como esse sistema binário pode ser ultrapassado. Em como essas fronteiras nem sempre são obedecidas e como esses discursos vazam, de um lado a outro, fazendo com que se possa analisar um pouco mais abaixo, as minúcias das sociabilidades ali aonde o silêncio e os saberes não alcançam.

## **Referências**

ALBUQUERQUER JR, Durval Muniz. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2001.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de In: SOUZA, Laura de Mello, et al. *História da vida privada no Brasil: vol. 1*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERTOLUCCI, Bernardo. *Os sonhadores*. Inglaterra/França/Itália, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de

Janeiro: Rocco, 1997.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1981.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e sexualidade em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

*Sexo urbano: São Paulo* (2008) Brasil (HBO), 30min.

VASCONCELOS, Edson. *Em terra de leigo quem é higienista é rei: genealogia do olhar médico social na Paraíba*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.